

# **A PECUÁRIA COMO DETERMINANTE ECONÔMICO DA OCUPAÇÃO DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL: 1870 A 1929**

**Elisa de Ávila Silvestre**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento  
Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.  
elisa.silvestre@uniderp.edu.br

**&**

**Isa Maria Formaggio Marques Guerini**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento  
Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.  
mailisa\_formaggio@hotmail.com

SILVESTRE, Elisa de Avila & GUERINI, Iza Maria Formaggio Marques. A pecuária como determinante econômico da ocupação de Campo Grande, Mato Grosso do Sul: 1870 a 1929. *albuquerque* – revista de história. vol. 6, n. 12. jul.-dez./2014. p. 31-53.

**Resumo:** O objeto de pesquisa consistiu em apresentar a pecuária como fator determinante do uso e ocupação da região de Campo Grande, analisando-se a origem do gado e sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico. Refere-se a um esboço da colonização de Mato Grosso, focando no Sul do estado (atual Mato Grosso do Sul), sobretudo na movimentação de boiadeiros, em busca dos Campos de Vacaria, com isso propiciando a consolidação da pecuária na região. A organização da pecuária ensejou a obrigatoriedade de registros de marcas e proprietários e a adoção do Código de Postura, com regras que vão do abate aos processamentos, higiene, charqueamento, curtume e outras normas de conduta pública e privada.

**Palavras-chave:** Campos de Vacaria; Criação de Gado; Desenvolvimento Regional.

**Abstract:** The objective of this research was to present livestock as a determinant of the use and occupation of the Campo Grande region, analyzing the origin of cattle and their contribution to socioeconomic development. Refers to an outline of the colonization of Mato Grosso, focusing on the south of the state (present Mato Grosso do Sul), especially in the movement of cowboys, in search of the Fields of Vacaria, with this propitiating the consolidation of livestock in the region. The organization of livestock farming led to the registration of trademarks and owners and the adoption of the Code of Posture, with rules ranging from slaughtering to processing, hygiene, charqueamento, tanning and other norms of public and private conduct.

**Key-words:** Vacaria fields; Cattle Breeding; Regional development.

## Introdução



rebanho expressivo do estado de Mato Grosso do Sul (MS), correspondendo a um dos maiores do país (10,24% do PIB estadual em 2013), merece ser analisado sob o aspecto de sua formação histórica, especialmente como determinante econômico do uso e ocupação do município de Campo Grande.<sup>1</sup>

A confluência dos córregos Prosa e Segredo, localizada na extensa região do então chamado “Campo Grande” servia como passagem e pouso para os viajantes que se deslocavam para Camapuã, ou que vinham do Sertão dos Garcia para os Campos de Vacaria. A ocupação da área era propícia diante de suas características geográficas, climáticas e hídricas, ou seja, campos limpos e cerrados com inúmeros rios e riachos essenciais para o manejo de gado, o que possibilitava bebedouros ideais para o rebanho e água potável para habitantes.<sup>2</sup>

Segundo memorialistas, a região era tida como “um grande vazio” de solo fértil, água abundante e sem habitante, sendo que as chegadas de João Nepomuceno e José Antônio Pereira em 1872 marcariam o desenvolvimento da região.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. IBGE Cidades@. **Estatística de Produção Pecuária**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos\\_201504\\_publ\\_completa.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201504_publ_completa.pdf)>. Acesso em: 17 abr.2014. BRASIL. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico (SEMADE) - Superintendência de Desenvolvimento Econômico. **Contas Regionais: Produto Interno Bruto de Mato Grosso do Sul**. Disponível em <<http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/12/PIB-MS2010-2013.pdf>>. Acesso em: 20 abr 2014.

<sup>2</sup> METELLO, E, M. A cidade e o boi. In: **Campo Grande - 100 anos de construção**. Campo Grande: Editora Matriz, 1999.

<sup>3</sup> BARBOSA, Emílio Garcia. **Esboço Histórico e divagações sobre Campo Grande**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010. PEREIRA, Eurípedes Barsanulfo. **História da fundação de Campo Grande**. Campo Grande: Edição do Autor, 2002.

Em diversos relatos históricos consta a beleza da região sul-mato-grossense, a natureza exuberante, a fertilidade do solo, o clima agradável e campos fartos para a criação e o cultivo. Alguns destacavam a abundância de gado no território onde só viviam índios.

Estes apontamentos despertaram a ânsia pela pesquisa dos determinantes econômicos de desenvolvimento da região de Campo Grande, tais como: criação de bovinos, suínos e ovinos, agricultura e comércio. Entretanto, a região merece dois recortes históricos importantes, delimitados pela construção da estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) em 1914. A historicidade do período anterior à NOB revela um território voltado à atividade pecuária e, após sua inauguração, inserem-se novas atividades econômicas que corroboram o desenvolvimento populacional da região.

Neste contexto, a pesquisa destacou o desenvolvimento da pecuária para analisar a origem do gado e a relevância da criação de bovino para a constituição da cidade de Campo Grande, por ser esta a atividade preponderante no uso e ocupação do solo, anterior à NOB.

O resgate das obras de historiadores e memorialistas regionais consubstanciou o estudo, juntamente com dados de periódicos regionais e documentos públicos. Os aspectos legislativo, econômico, sanitário, tributário e de relações sociais da época auxiliam na compreensão da temática proposta e revelam as características de uso e ocupação do solo da região de Campo Grande.

## Procedimentos metodológicos

O *locus* da pesquisa é a região de Campo Grande, assim entendida como a área que, inicialmente, contava com extensão superior a 100.000 km<sup>2</sup> (contra os 8.300 km<sup>2</sup> atuais) localizada entre os rios Aquidauana, Brilhante, Ivinhema, Paraná e Verde. Com o gradativo desenvolvimento socioeconômico, esta região se fragmentou nos atuais municípios de Rio Brilhante, Nova Alvorada do Sul, Bataguassu, Anaurilândia, Nova Andradina, Bataiporã, Taquarussu, Ribas do Rio Pardo, Jaraguari, Bandeirante, Rochedo, Corguinho, Rio Negro, Terenos, Sidrolândia e parte dos municípios de Rio Verde de Mato Grosso e de São Gabriel do Oeste.

As principais legislações que encaminharam para a delimitação de Campo Grande são: Lei n.º 792, de 23-11-1889, criação do distrito de Campo Grande, subordinado ao município de Nioac; Resolução Estadual n.º 225/1899, elevou Campo Grande à categoria

de vila, desanexando-a da comarca de Nioac; a Lei Estadual n.º 772, de 16-07-1918 a elevou à condição de cidade com a denominação de Campo Grande.<sup>4</sup>

A pesquisa consistiu em revisão bibliográfica, traçando o histórico da pecuária em Campo Grande. As fontes bibliográficas consistiram em: obras de historiadores; memoriais e contos; periódicos regionais (décadas de 30 e 60); documentos e relatórios públicos (década de 20, 60 e 70). Após a apreciação dos documentos apontados, houve a delimitação e a análise temática do objeto de pesquisa.

Para a análise geral, utilizou-se a categoria singular/universal, entendida da seguinte forma: O capital foi a força determinante do processo de produzir mercadorias na região de Campo Grande e foi quem definiu a força de trabalho como o essencial para a produção. O processo histórico de desenvolvimento de Campo Grande seguiu o movimento do capital que ocorria em todos os países, definido como o universal.

Na singularidade da região a estratégia do capital estabeleceu o trabalho livre e escravo (alguns negros e muitos indígenas) nos campos da pecuária para a produção de excedentes. Entende-se neste trabalho que singular/universal são indissociáveis, porquanto, na análise científica, “o singular é a manifestação no espaço convencionado, de como leis gerais do universal operam, dando-lhe uma configuração específica”<sup>5</sup>.

## 1 Esboço Histórico da Ocupação do Sul de Mato Grosso

Para a caracterização da região de Campo Grande e o desenvolvimento da pecuária como determinante do uso e ocupação do solo, fez-se necessário uma breve contextualização histórica do Sul de Mato Grosso, atualmente estado de Mato Grosso do Sul, com destaque às principais atividades socioeconômicas que contribuíram para o desenvolvimento das áreas de cerrado e pantanal dos dois maiores estados do Centro-Oeste brasileiro.

Estima-se que as primeiras excursões feitas ao território de Mato Grosso datem de 1516 ou 1526, havendo indícios conflitantes no que se refere aos primeiros

<sup>4</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. IBGE Cidades@. **Histórico de Campo Grande.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500270&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|infograficos:-historico>>. Acesso em: 22 abr.2014.

<sup>5</sup> ALVES, Gilberto Luiz. Universal e singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular.** Campo Grande: Editora Uniderp, 2003, p. 28. Disponível em: <<http://www.geppe.ufms.br/textos.html>>. Acesso em: 28.mai.2014.

exploradores. Existem relatos de que Aleixo Garcia, com escolta de índios domesticados, teria sido o primeiro a explorar a parte meridional do Estado em 1516 e que tal expedição possivelmente fora ordenada por Martim Affonso de Souza. Contudo, este último somente foi nomeado Capitão-Mor e Governador das terras do Brasil em 1530, por ato de D. João III, o que caracteriza conflito de datas e de informações.<sup>6</sup>

Ainda, por não ser costume de os portugueses colonizadores adentrarem os sertões com escolta exclusivamente indígena, alguns historiadores afirmam que houvera expedições espanholas subindo pelo Rio Paraguai e que Juan Ayolas teria chegado ao *Porto Candelaria* em 1537 com treze homens em sua companhia<sup>7</sup>. Nos anos que se seguiram, novas expedições espanholas seguiram o mesmo trajeto de Ayolas em direção ao Peru, no período de 1543 a 1547. Para Lélia Rita Ribeiro, o primeiro homem branco a ter descoberto Mato Grosso do Sul foi Aleixo Garcia, ou seja, o primeiro a transpor as suas atuais fronteiras.<sup>8</sup>

Em meados de 1640, os paulistas iniciaram as entradas pelos sertões, conhecidos como *Bandeiras*, visando conquistas de riquezas minerais e de captura de indígenas para as lavouras paulistas. Alcançaram as reduções jesuítas no Paraguai e Uruguai, bem como as regiões mesopotâmias entre os rios Paraná, Paraguai e Apa. A resistência indígena e espanhola aos poucos foi esmorecendo diante dos ataques constantes dos bandeirantes. Uma das primeiras penetrações no sul de Mato Grosso foi comandada por Antônio Raposo Tavares.<sup>9</sup>

Ademais, os rumores de minas de ouro impulsionaram os *Bandeirantes* a adentrarem o centro do país, povoando os Estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Os nomes mais expressivos nas jornadas rumo a Mato Grosso são os de Manoel Corrêa, Bartholomeu Bueno da Silva (O *Anhangüera*), Antônio Pires de Campos e Paschoal Moreira.

Em 1718, Pires de Campos chegou à barra do Coxipó-Mirim, travando luta com a nação Coxiponés. No regresso, deparou-se com a bandeira de Moreira Cabral, a qual realizou expedição a Coxipó e ambos perceberam que as margens do rio eram crivadas

---

<sup>6</sup> AYALA, S. C.; SIMON, F. *Álbum Gráfico do Estado de Mato Grosso (E.E.U.U. do Brasil)*. Campo Grande: Agiosul; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

<sup>7</sup> AYALA, S. C.; SIMON, F. Op. cit.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Lélia Rita E. de Figueiredo. *Campo Grande, O homem e a terra*. Editora: autor, s/a, p. 39.

<sup>9</sup> RIBEIRO, Lélia Rita E. de Figueiredo. Op. cit.

de granitos de ouro. A partir deste momento, a região ficou conhecida por sua riqueza, sendo visada a mineração do ouro.<sup>10</sup>

*Cuiabá* é elevada à categoria de vila em 1727 sob a denominação de *Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. D. João V, para assegurar o domínio português na região e para instalar o fisco, criou a Capitania independente de Mato Grosso em 1748. Diante da importância da fronteira pelo Rio Guaporé, o governador Capitão-General D. Antonio Rolim Tavares (nomeado em 1748) recebeu instruções para proteger e controlar a região, diante da compreensão da importância da fronteira pelo rio Guaporé.<sup>11</sup>

O Século XVIII foi marcado pela exploração do ouro e ascensão da região, elevada a status de capitania, reorganização do governo, demarcação e fixação de fronteiras. No período albuquerqueano floresceu o Mato Grosso colonial, sendo Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres um administrador de destaque<sup>12</sup>. Contudo, ele encontrou questões conflitantes de demarcação de limites territoriais durante seu governo, pressionando para decisões em defesa da região.<sup>13</sup>

Com a exploração das minas de ouro, intensificou-se o trânsito das bandeiras paulistas no sul de Mato Grosso através de rotas fluviais no século XVIII, dentre elas dois afluentes do Rio Pardo: Anhanduí-Guaçu e Anhanduí (formado pelos córregos Prosa e Segredo). Observa-se, assim, a presença de portugueses nos campos em que mais tarde surgiu o povoado de Campo Grande.

Após a Guerra do Paraguai, o sul da província de Mato Grosso começa a ser reestruturado, recebendo novos moradores que buscavam a reconstrução das áreas afetadas pela guerra e a ocupação das pastagens para criação de gado. T. L. Tolentino descreve que:

<sup>10</sup> AYALA, S. C.; SIMON, F.. Op. cit.

<sup>11</sup> AYALA, S. C.; SIMON, F.. Op. cit.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Lélia Rita E. de Figueiredo. Op. cit.

<sup>13</sup> Luis Pinto, antecessor de Albuquerque, afirmava em suas cartas ao Conselho Ultramarino que “[...] a imensidão de Mato grosso o aterra (...) e entregaria a região ocidental de Mato Grosso ao Paraná, o Sul dos Rios Pardos e Miranda, a São Paulo; e daí para o Norte, a Goiás, cujo território se distancia até ao Rio das Mortes: isso pelo chamado Termo de Acesso”. Em meio à discussão de limites territoriais entre os Reinos de Portugal e Espanha, em meados de 1760 e 1770 (Tratado de Madrid, Tratado de El Pardo, Tratado de Tordesilhas, Tratado de Santo Ildefonso), outra questão pontual para os conquistadores eram os indígenas que habitavam a região, com destaque para os povos Guaicuru e Paiguá que, mesmo inimigos entre si, lutavam contra a entrada dos colonizadores RIBEIRO, Lélia Rita E. de Figueiredo. Op. cit., p. 80. Neste contexto, foram construídas edificações e fortes visando o controle da região, com destaque ao Forte Coimbra fundado em Albuquerque, atualmente município de Corumbá.



a criação extensiva de gado foi responsável pela ocupação de grande parte do território do sul de Mato Grosso, especialmente pela formação dos núcleos populacionais, hoje de grande importância para o Estado de Mato Grosso do Sul, sua capital, Campo Grande, foi um deles, além de Aquidauana, Rio Brillante, Maracajú, Santana de Paranaíba e outros.<sup>14</sup>

No mesmo sentido, Valério de Almeida relata que “[...] o comércio de gado foi, por assim dizer, a primeira fonte de renda dos habitantes do sul, e este permaneceu sem interrupção, com os Mineiros até a irrupção da guerra do Paraguai”.<sup>15</sup>

Além do desenvolvimento da zona rural, com a atividade agropastoril, o porto de Corumbá foi utilizado nas transações comerciais, intensificando a relação com o mercado internacional. A distância que separava Mato Grosso dos grandes centros populacionais e de comércio reduzia-se diante dos seguintes fatores: a) expansão das fazendas de gado; b) exploração da erva-mate (destaque para Companhia Mate Laranger); c) ocupação de áreas férteis para agricultura (destaque para a cultura dos campos e cerrados, áreas agricultáveis de grande produtividade); d) estratégias militares implantadas para a defesa do território brasileiro (a exemplo do Forte Coimbra); e) construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (marco decisivo para conquista de novas fronteiras econômicas).<sup>16</sup>

Já no século XIX concentraram-se grandes rebanhos de “gado pantaneiro” (raça específica da região) no Pantanal Mato-Grossense. Assim, a base econômica do estado transmutou gradativamente da mineração para a atividade agropastoril. A crise do ouro em Cuiabá estimulou a migração de cuiabanos, goianos, mineiros, paulistas e, no final do século, gaúchos para o sul de Mato Grosso. Vieram atraídos pela fertilidade do solo e pelos campos de Vacaria e Pantanal, fundando novos núcleos populacionais e restabelecendo outros.

Carlos Trubiliano destaca três pontos para compreender o processo de ocupação do sul de Mato Grosso:

<sup>14</sup> TOLENTINO, T. L. **Ocupação do sul de Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança**. São Paulo: Fundação Escola da Sociologia e Política de São Paulo, 1986, p. 161.

<sup>15</sup> ALMEIDA, Valério de. Santo Antônio de Campo Grande - Esboço Histórico. Op. cit..

<sup>16</sup> TOLENTINO, T. L.. Op. cit.



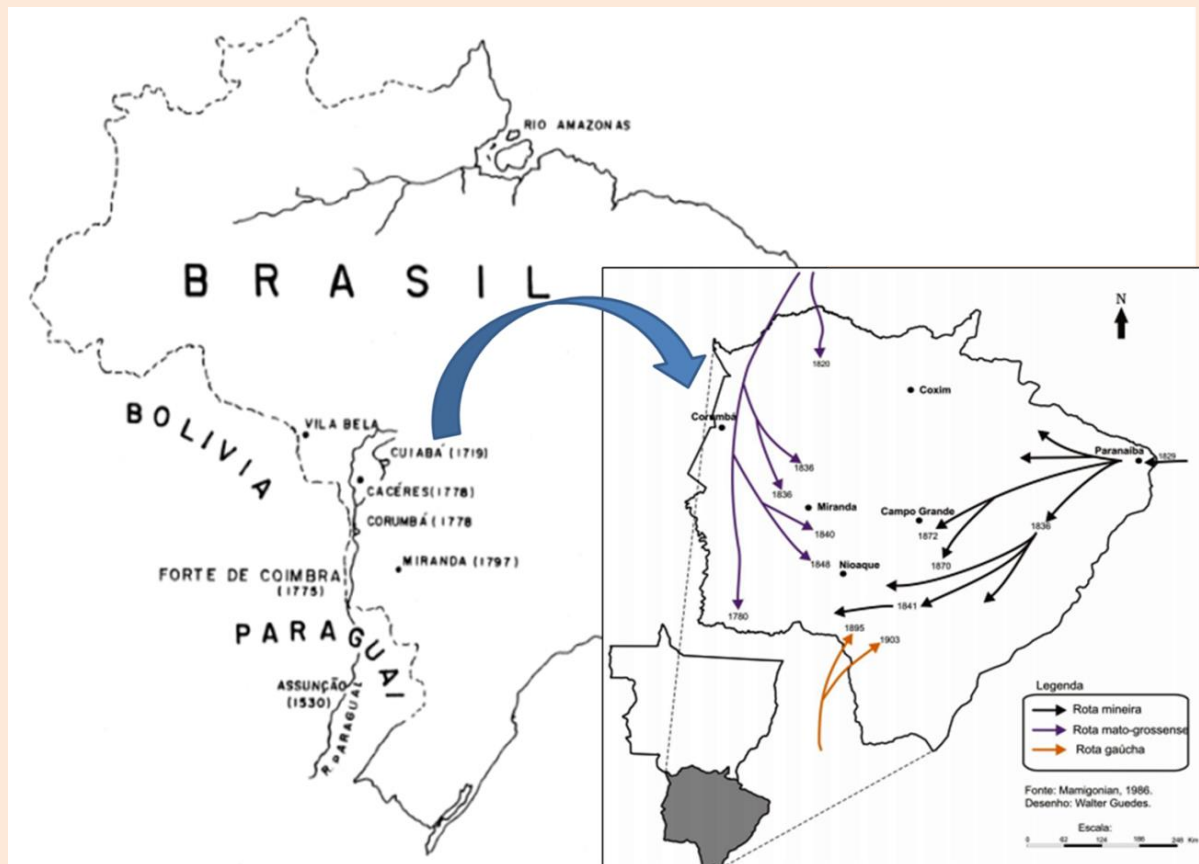
[...] primeiro – de natureza migracional, decurso anterior ao conflito com o Paraguai, que se deu por duas vertentes, uma de natureza política com o apaziguamento das elites cuiabanas, após os conflitos que culminaram na Rusga (1834) e outra pela frente pioneira de migrantes paulistas e mineiros; segundo – de vias de comunicação, com a abertura da navegação na bacia platina, no século XIX e a construção de estradas e caminhos que ligavam a região à província de São Paulo; terceiro – de desenvolvimento econômico, pautado na produção agropastoril, em especial na criação de gado.<sup>17</sup>

Assim, os fluxos migracionais merecem destaque: a) migrantes no sentido norte-sul, rumo ao sul de Mato Grosso e especialmente na região do Pantanal (cuiabanos, poconeanos, livramentenses, cacerenses); b) sentido leste-oeste, deslocamento de mineiros e paulistas para a região; c) fluxo oriundo de Corumbá - Casas Comercias; d) movimentação dos gaúchos, visando a ocupação de vasta extensão de terras; e) exploração e escoamento da erva-mate próximo à fronteira com o Paraguai, sentido leste do país<sup>18</sup>. A formação das primeiras fazendas consistia em demarcar glebas e constituir posses.

A partir dos dois primeiros fluxos migracionais descritos acima, é possível vislumbrar os caminhos percorridos pelos pioneiros de Campo Grande, destacando-se o poconeano João Nepomuceno e o mineiro José Antônio Pereira.

<sup>17</sup> TRUBILIANO, C. A. B. No Rastro da Boiada: Pecuária e Ocupação do Sul de Mato Grosso (1870-1920). *Revista Crítica Histórica*, Ano V, n.º 9, julho/2014, p. 175.

<sup>18</sup> ALVES, Gilberto Luiz. **Pantanal da Nhecolândia e Modernização Tecnológica**. 1. ed. Campo Grande: Editora UNIDERP; Editora UFMS, 2004. ALVES, Gilberto Luiz. **A Casa Comercial e o Capital Financeiro em Mato Grosso: 1870-1929**. 1. ed. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2005.



**Figura 1:** Rota do Avanço da pecuária. Entrada de bovinos no sul da província de Mato Grosso no período de 1780 a 1903. **Fonte:** W. G. Silva (imagem adaptada).<sup>19</sup>

## 2 Ocupação da região de Campo Grande

Três recortes históricos são importantes para narrar a pecuária como o principal determinante de ocupação de Campo Grande: a) viagens dos boiadeiros; b) fim da Guerra do Paraguai; c) construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, no século XX.

Em cada um dos momentos destacados é possível observar mudanças no movimento de ocupação, as quais refletem diretamente no desenvolvimento socioeconômico da região estudada.

<sup>19</sup> SILVA, W. G. O processo de integração produtiva da região de Dourados à economia nacional. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2011.

Conforme apresentado no item anterior, as reduções jesuíticas estabelecidas pelos espanhóis penetraram na região de Mato Grosso, criando povoados e catequisando indígenas no planalto da Vacaria<sup>20</sup>. Ainda, nos séculos XVII e XVIII, os bandeirantes paulistas adentraram no sul da província para aprisionar povos nativos (índios), descobrir novas minas de ouro e outras oportunidades de riqueza. Neste contexto se observa o conflito existente entre os jesuítas e bandeirantes, que resultaram na dispersão de gado, assim narrado:

Nas épocas em que os predadores vindos de São Paulo abatiam-se sobre os aldeamentos, caçando indígenas, os jesuítas retaliavam abandoando seu gado a vida selvagem. A vacaria do mar, que se estende do litoral atlântico até o Rio Uruguai, se formou, segundo um historiador, pela dispersão de quatrocentas vacas leiteiras, abandonadas pelos jesuítas em 1637. Tais vacarias multiplicaram-se e não poucas vezes foram atacadas pelos espanhóis em guerra com os portugueses.<sup>21</sup>

O período de 1723 a 1725 foi marcado por brilhantes conquistas para a Coroa portuguesa, vez que “[...] os bandeirantes na ânsia incontida de desbravar sertões, (...) talaram os Campos imensos da Vacaria”.<sup>22</sup> Nesta época, as pastagens de Campo Grande eram utilizadas por aqueles que buscavam abrigo e descanso nas longas jornadas para atravessar a província com seu rebanho.

Ademais, os acontecimentos do século XVIII, impulsionaram as migrações de paulistas e mineiros para o norte, centro-oeste e sul do Brasil em busca de áreas para expansão de suas posses, desenvolvimento da agricultura e criação de animais (bovino, ovino, suíno, etc.). Os Campos de Vacaria, identificados pelos Barbosa em 1834, foram ocupados com maior afinco no início da Guerra do Paraguai (1864), pois ofertavam rota segura para chegar à zona de conflito sem adentrar em território inimigo. “Terminada a Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, os que retornaram às suas províncias de origem

<sup>20</sup> Nos relatos de Emilio Garcia Barbosa observa-se que os Barbosa, ao adentrarem no Igarai, encontraram exuberante vegetação e um descampado de terra vermelha e pequeno barreiro. Neste local, aproximou-se um “[...] bando de vacas, criação dos guaicurús, cuja proveniência desconheciam. E como explicar aquilo, se não há nenhum touro? Espontâneo veio a boca de Antônio e de seus companheiros o nome que hoje, desde aquele dia, foi adotado - Vacaria”. BARBOSA, Emilio Garcia. **Esboço Histórico e divagações sobre Campo Grande**. Op. Cit., p. 20-21.

<sup>21</sup> PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O Livro de ouro da história do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, 96.

<sup>22</sup> Estando completamente abatidos pela energia dos bandeiras, os espanhóis “[...] fugiram para o extremo sul, além das margens do Apa, fazendo vida comum com os Paiguás”. ALMEIDA, Valério de. Santo Antônio de Campo Grande - Esboço Histórico. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra* - Edição Especial distribuída no município de Campo Grande - MT. Campo Grande, Ano II. Número 23, 1933, s/p.

levaram notícias da existência de grandes rebanhos bravios, boas terras e facilidade de ocupá-las”.<sup>23</sup>

Neste sentido, um cunhado de José Antônio Pereira retornou para Monte Alegre–MG, após combater na Guerra do Paraguai, com relatos de uma área de “beleza encantadora”<sup>24</sup>, com clima e hidrografia favoráveis. Tais narrativas eloquentes despertaram a busca por riquezas e propriedades, ao ponto de a família Pereira organizar uma pequena comitiva para Mato Grosso.

José Antônio Pereira, farmacêutico, mineiro de Monte Alegre e devoto de Santo Antônio, fez promessa de erguer uma capela em seu louvor se tivessem êxito na longa viagem que enfrentaria com alguns parentes. Destacam-se duas viagens realizadas por José Antônio Pereira até sua definitiva instalação no Arraial, doravante denominado Santo Antônio de Campo Grande.<sup>25</sup>

Em 1872, José Antônio realizou sua primeira viagem, acompanhado de dois filhos e mais alguns homens, com uma rota extensa que abarcava as cidades de Itumbiara, Rio Verde e Jataí do estado de Goiás, Fazenda Baús e Camapuã no estado do Mato Grosso do Sul. Ao chegar na bifurcação dos córregos Prosa e Segredo (em 21 de junho) foi tomado pela beleza do lugar e riqueza do solo. “O acaso, nada mais do que o acaso, gerou a parada e a decisão de José Antônio Pereira em estabelecer aqui o seu rancho”. Isto, porque “[...] seu verdadeiro destino seria, como o de outros mineiros, o dos Campos de

<sup>23</sup> FUNCESP - Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. **Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA)**. Coletânea Série Campo Grande. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1999.

<sup>24</sup> Os relatos de Visconde de Taunay (1867) no livro **Céus e Terras do Brasil** descortinam de forma poética as “scenas, typos e quadros da natureza brasileira”, descrevendo no capítulo “O sertão e o Sertanejo” a paisagem e os habitantes que encontrava em suas viagens pelo centro-oeste do país. Uma das passagens relata o que se encontrava ao caminhar para os campos de “Miranda e Pequery, Vaccaria e Nioac, no baixo Paraguay”. Também denominava-se “ [...] ‘sertão bruto’ a extensa e quasi despovoada zona da parte sul oriental da vastíssima província de Matto Grosso a estrada que da villa de Santa Anna do Paranahyba vai ter ao sitio abandonado de Camapoam. Desde aquella povoação, assente proxima ao vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz e Matto Gfrosso até ao rio Sucuriú, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de leguas, anda-se commodamente de habitação em habitação mais ou menos chegada uma da outra; raream, porém, depois as casas mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros, sem se vêr morada nem gente, até ao *retiro* de João Pereira”. TAUNAY, Alfredo d’Escragno. **Céus e Terras do Brasil pelo Visconde de Taunay**. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930, p.14.

<sup>25</sup> CONGRO, Rosário. **O Município de Campo Grande**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2003.

Vacaria, já habitados e com segurança de apoio dos vizinhos mais próximos que por lá encontraria”.<sup>26</sup>

Ademais, Pereira encontrou o morador João Nepomuceno que possuía parca agricultura (roça de milho e outros cereais) e trocava seus proventos com os boiadeiros que ali passavam.<sup>27</sup>

Os relatos históricos sobre as origens de José Antônio Pereira e João Nepomuceno corroboram a constatação de dois movimentos migracionais, um oriundo do Norte (Nepomuceno de Cuiabá / Mato Grosso) e outro do leste (Pereira de Monte Alegre/Minas Gerais). Ademais, a presença do gado como fonte de alimento, renda e tração é constante nas palavras dos memorialistas, assim como a agricultura de subsistência.

Após a negociação de área para instalação do seu sítio (com plantio de arroz, feijão e milho), construção da primeira igreja em louvor a Santo Antônio e fundação do Arraial, José Antônio regressou para Monte Alegre e, em 1875, realizou a segunda viagem para Campo Grande. Desta vez, o pioneiro estava acompanhado de toda a família e alguns escravos (aproximadamente 65 pessoas). A rota traçada foi menor que anterior, mas o tempo despendido maior pela presença de mulheres e crianças na comitiva.<sup>28</sup>

Em pouco tempo, a vinda de boiadeiros para Campo Grande canalizou grande soma em dinheiro para a região, ficando conhecida como terra de “fartura”, época em que o ouro não mais representava a única forma de se constituir riqueza (como ocorrera no norte de Mato Grosso). A promessa de ganho atraiu imigrantes de Minas, Goiás, São Paulo, Rio Grande do Sul, dentre outros.<sup>29</sup>

Em 1899, Campo Grande foi elevada à categoria de Vila e desanexada de Nioaque. A região experimentou acelerado desenvolvimento e, no início do século XX, era considerada uma próspera vila de tropeiros. Gradativamente, centrou seus negócios

<sup>26</sup> COSTA, Celso. *Evolução Urbana*. In: **Campo Grande - 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

<sup>27</sup> BRASIL, Temístocles Paes de Souza. *Ligeira notícia sobre a vila de Campo Grande E Relatório dos estudos para o abastecimento de água aos quartéis de Campo Grande*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2005.

<sup>28</sup> ANDRADE, Dolor Ferreira; ALMEIDA, Faustino Pinto; Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso. *Relatório dos trabalhadores no exercício de 1934 (resumo)*. **Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra**. Ano IV, n.º 37-37. Campo Grande. 1935.

<sup>29</sup> CAMPO GRANDE. **100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

em venda de terras, questões judiciais, compra de gado oriundo de São Paulo e Minas Gerais.<sup>30</sup>

Outro determinante importante foi a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) em 1914. O evento era apresentado de forma entusiasmada pelos jornais da época, a exemplo do jornal *O Estado de Mato Grosso*: “[...] a Noroeste não integrou somente o nosso Estado na República, ella abriu um campo imenso [...] ella descobriu Mato-Grosso ao paiz [...] em Campo Grande preparam-se muitas festas e inauguração da Noroeste que se pode chamar um acontecimento nacional”.<sup>31</sup>

Ainda, a regularização das viagens da NOB motivou os fazendeiros a se instalarem em Campo Grande, controlar a exportação de gado, inteirar-se dos acontecimentos que ocorriam em São Paulo e Rio de Janeiro e estimulou de forma acelerada o desenvolvimento do comércio.<sup>32</sup>

Em jornais e revistas veiculados nas décadas de 1910, 1920 e 1930 é possível observar a ênfase que se dava à narrativa da pecuária, do boiadeiro e da renda oriunda do charque, carne verde e couro, desde os primórdios de ocupação da região. Destacam-se os seguintes pontos: memórias do Sertanista Joaquim Francisco Lopes; vindo das famílias Pereira, Garcia, Barbosa e Souza; relatos de povoamento do sul de Mato Grosso; expectativa de desenvolvimento advinda da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil, a exemplo do que expressava o jornal *O Estado de Mato Grosso*; relatórios das receitas e despesas do município (vila); publicação, em 1905, durante a administração de Manoel Inácio de Souza, do primeiro Código de Postura; atividade do matadouro municipal; registro da indústria pecuária; indicação das raças de bovinos importadas; principais propriedades rurais de criação de gado e equinos; preço corrente do charque, carne verde e couro, Relatórios apresentados à Câmara Municipal no Governo de Arlindo de Andrade Gomes, década de 1921-22; relatos do Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso; informações sobre embarcadouro; transporte ferroviário do gado; financiamento e crédito bancário para produtor rural; questões sanitárias e controle de pestes; incidência tributária para a classe produtora; regulamentação da importação de sal e arame, veiculados pela revista *Folha da Serra* durante a década de 1930.

<sup>30</sup> FUNCESP - Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. **Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA)**. Coletânea Série Campo Grande. Campo Grande: Editora UFMS, 1999.

<sup>31</sup> “A Noroeste”. *O Estado de Mato Grosso*. Campo Grande, Anno I, Número 1, 1913.

<sup>32</sup> CAMPO GRANDE. 100 anos de construção. Op. cit..



Pelo exposto, justifica-se a adoção da pecuária como determinante econômico para o desenvolvimento da região de Campo Grande, na análise da história de ocupação e uso do solo.

### 3 Relevância econômica da pecuária em Campo Grande

Analisando os acontecimentos do Século Sertanejo identifica-se que:

[...] nas épocas em que os preadores vindos de São Paulo abatiam-se sobre os aldeamentos, caçando indígenas, os jesuítas retaliavam abandoando seu gado a vida selvagem. A vacaria do mar, que se estende do litoral atlântico até o Rio Uruguai, se formou, segundo um historiador, pela dispersão de quatrocentas vacas leiteiras, abandonadas pelos jesuítas em 1637. Tais vacarias multiplicaram-se e não poucas vezes foram atacadas pelos espanhóis em guerra com os portugueses.<sup>33</sup>

Em 1750 as primeiras reses da raça Alentejana ou Transtagana foram introduzidas na capitania de Mato Grosso, trazidas de São Paulo e Minas Gerais pelos portugueses que começaram a povoar enormes fazendas (grande extensão de terras para poucas cabeças de gado) de dez, doze, quinze léguas tornando habitadas por apenas 500 cabeças. O sucesso da adaptação dos animais ao ambiente contribuiu para constituição da raça crioula.<sup>34</sup>

A linhagem da raça Transtagana dos antigos bovinos do grupo Hamítico (possuem longos chifres), provenientes do Egito que foram levados para o noroeste da África e daí introduzidos no sul da Espanha, território português ao sul de Tejo e diversas regiões da Europa<sup>35</sup>. O sucesso da adaptação dos animais ao ambiente do território sul-mato-grossense contribuiu para constituição de uma nova raça nomeada crioula apresentando alta produção de leite e carne.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de ouro da história do Brasil*. Op. cit., p. 96.

<sup>34</sup> CONGRO, Rosário. *O Município de Campo Grande*. Op. cit..

<sup>35</sup> ACBRA. Associação de Criadores Bovinos da Raça Alentejana. *História e Padrão da Raça*. Disponível em: <http://www.bovinoalentejano.pt/conteudo.php?idm=6>. Acesso em: 19 abr.2014.

<sup>36</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..



As pastagens nativas eram usadas em comum, sendo a parceria e solidariedade palavras chaves entre a convivência dos produtores, pois o gado era criado “à larga” ou literalmente extensivo, sem a presença de cerca divisória e uso de arames. Para marcação e identificação dos bovinos, utilizava-se a “prática da divisa” que consistia em cortar um pedaço da orelha, de forma e locais diferenciados, afirmando a propriedade de cada dono<sup>37</sup>.

Paulo Marcos Esselin destaca que o solo da região era pobre em salinas devido ao elevado teor de cloreto de sódio que constituiu um aspecto extremamente negativo para sobrevivência do gado que necessitava da ingestão de sal e também a escassez de fósforo que como consequência reduz a eficiência reprodutiva e impede o melhor aproveitamento dos alimentos por eles ingerido. Os rebanhos de bovinos, mesmo entre os fatores negativos, multiplicavam, aproveitando das pastagens naturais abundantes.<sup>38</sup>

A Companhia Frigorífica Pastoril, a Brasil Land Cattle and Packing Co e a Companhia Viação São Paulo e Matto Grosso mudaram o cenário regional a partir de 1875, através do povoamento dos grandes latifúndios, chegando a cadastrar a presença de 700.000 cabeças de gado, com destaque de 40.000 animais para o rebanho da Fazenda Capão Bonito<sup>39</sup>. O dado referente à quantidade total de cabeças na época é contraditório, pois Arlindo de Andrade Gomes afirma que, à época, só havia o total de 500.000 animais nesta região.<sup>40</sup>

Apesar da formação de grandes fazendas, no final do século XIX, o método aplicado para trato do gado era rudimentar. Os animais eram criados soltos. Não havia grandes investimentos, representando um negócio de baixo custo. O rebanho cresceu gradativamente e, até as primeiras décadas do século XX, pouco se alterou nas técnicas de manejo do gado.<sup>41</sup>

E. M. Metello e H. P. Neto relatam que o couro tinha comércio vinculado à Argentina e ao Uruguai, pelos afluentes do rio da Prata, mas o mercado da carne passava por dificuldade, pois o rebanho crescia de forma muito rápida. Assim, a oferta era maior

<sup>37</sup> METELLO, E, M. “A cidade e o boi”. Op. cit.

<sup>38</sup> ESSELIN, Paulo Marcos. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830 - 1910)*. Dourados; Ed. UFGD, 2011.

<sup>39</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

<sup>40</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. *O Município de Campo Grande em 1921*. 2 ed., Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2013.

<sup>41</sup> TRUBILIANO, C. A. B. “No Rastro da Boiada: Pecuária e Ocupação do Sul de Mato Grosso (1870-1920)”. Op. cit.

que a demanda, em razão de que o polo consumidor se limitava à subsistência das famílias nos incipientes povoados.<sup>42</sup>

Apareceram as primeiras charqueadas e logo depois surgiram os “boiadeiros”, ou compradores de bois, levando os animais para Minas, São Paulo e outros centros populosos, onde a carne era industrializada<sup>43</sup>.

O rico comércio estabelecido com Uberaba impulsionou a prosperidade da criação de gado e o incentivo do melhoramento genético e zootécnico<sup>44</sup>. Os boiadeiros de Uberaba, ou compradores de bois, foram responsáveis pela comercialização dos animais para Minas Gerais, São Paulo e outros centros que realizavam a industrialização da carne<sup>45</sup>. Também contribuíram para a introdução de animais reprodutores zebuínos em 1900. As fazendas de alto potencial financeiro adquiriram exemplares da raça gibosa que muito agradou ao sertanejo<sup>46</sup>. O autor Arlindo de Andrade relata no jornal *O Estado de Matto Grosso*, o rápido desenvolvimento de Campo Grande em que: “[..] as terras valorizavam-se demasiado em pouco tempo. A légua do campo que valia quatro contos de réis, passou a valer 20. O gado encareceu-se também havendo hoje insuficiência, introduzindo-se novas raças que irão melhorar profundamente o gado existente [...]”.<sup>47</sup>

Em sequência de povoamento depois dos mineiros, vieram os primeiros gaúchos, a partir de 1893, que, ao contrário dos atuais que são agricultores, eram criadores de gado seduzidos pelas qualidades dos campos de pastejo.<sup>48</sup>

A marca consistia em uma simbologia ou sigla que era moldado em ferro e aquecido ao ponto de incandescência, que ao entrar em contato com o couro do animal (marcação a fogo) imprime a identificação de posse. Toda evolução do sistema de criação e manejo não acompanhou a obrigatoriedade de identificação das marcas, exigida desde 1909, que garantia aos fazendeiros a autenticação para todos os efeitos a propriedade pecuária. A ausência de registros interfere no real levantamento histórico do rebanho,

<sup>42</sup> METELLO, E, M. A cidade e o boi. Op. cit. NETO, H, P. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária , complexo cafeeiro e modernidade** - Barretos (1854/1931). Franca. 2009. Disponível em: <<http://www.foxitsoftware.com>>. Acesso em: 21 abr 2014

<sup>43</sup> METELLO, E, M. A cidade e o boi. Op. cit..

<sup>44</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

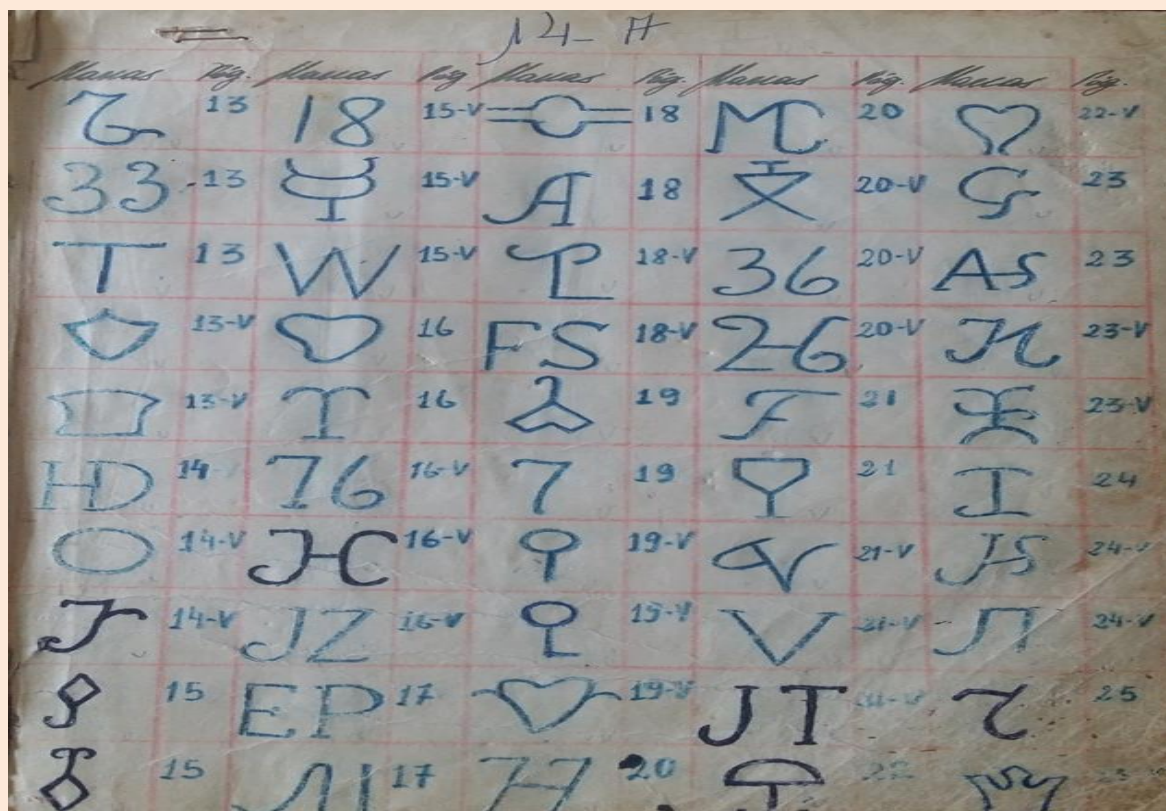
<sup>45</sup> METELLO, E, M. Op. cit..

<sup>46</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. **O Município de Campo Grande em 1921**. Op. cit..

<sup>47</sup> ANDRADE, Arlindo. “A Noroeste”. **O Estado de Matto Grosso**. Campo Grande, Anno I, Número 1, 1913.

<sup>48</sup> METELLO, E, M. Op. cit..

pois se contam apenas 261 registros, para mais de 1.300 criadores, resultando o constante furto de animais, conflitos por disputa entre vizinhos e, acima de tudo, fraude contra o município na exportação para outras regiões como São Paulo, Minas e Paraguai.<sup>49</sup>



**Figura 2:** Livro de Registro de Marcas de Gado do Município de Campo Grande (1918 à 1921). Cada marca possuía uma numeração específica de registro, a fim de identificar os proprietários e, conseqüentemente, o fluxo de comercialização das reses. **Fonte:** Arquivo Histórico de Campo Grande - ARCA. Livro n.º 14-B.

A estrada de ferro foi um marco para evolução do cruzamento genético, pois permitiu a importação de animais zebuínos de São Paulo e do Triângulo Mineiro para a região, o que justifica o atual predomínio das raças indianas que possuem maior rusticidade e adaptabilidade ao meio ambiente e uma excelente conformação de carcaça, permitindo lucratividade por ganho de peso ao produtor.<sup>50</sup>

Arlindo de Andrade Gomes afirma que “[...] infelizmente o zebu dominou a criação, sendo todo gado mestiço. E dizemos infelizmente, porque não é raça que deva

<sup>49</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. *O Município de Campo Grande em 1921*. Op. cit.

<sup>50</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

prevalecer com suas melhores qualidades – peso e rusticidade. Seria preciso uma troca anual de reprodutores, o que os fazendeiros não fazem”<sup>51</sup>. A opinião crítica do autor sobre os zebuínos leva em consideração a ocorrência, por pouco, da extinção dos gados mais antigos, como: o crioulo, o franqueiro, o caracu e o china, sendo reconhecido que o zebuíno tem a conformação corporal mais pesada, mais rústico e com maior apelo comercial, mas, para efeito comparativo da produção de leite, é evidente a inferioridade da vaca crioula.

A região tornou-se próspera, atraiu novo empreendimento voltado à importação de reprodutores da Argentina, mas, desta vez, focando raças europeias como Hereford e Shorthorne, que resultaram posteriormente em exportação de belos animais de rica característica zootécnica, com destaque para a empresa Brasil Land (Fazenda Capão Bonito) e a firma inglesa John Moore & Companhia (Fazenda Bandeira).<sup>52</sup>

A sazonalidade trouxe junto com o inverno a pobreza das pastagens, o que acarretou em fracasso pleno na sobrevivência do gado europeu nesta primeira tentativa. Mas a persistência da Brasil Land permitiu, em sua segunda tentativa, o cruzamento do gado europeu com o crioulo, daí originando-se descendentes avantajados: “São milhares de exemplares criados à larga, anulando, na comparação, o zebu e o rebotalho crioulo inutilizando pelo sangue indiano”.<sup>53</sup>

Em 1935, a revista local *Folha da Serra* ressaltava a importância de Campo Grande com a acurácia da seleção e no desenvolvimento de *Bos Indicus* no sul de Mato Grosso e enfatizou a iniciativa particular de muitos criadores que zelavam pelo aperfeiçoamento da raça, por unirem forças ao Estado e à Prefeitura local com intuito de organizar e promover Exposições e Feiras para apressar o desenvolvimento da pecuária

[...] que é a coluna vertebral da nossa economia [...] com um pouco mais de esforço, chegar-se à a um nível quase igual ao do Triângulo Mineiro. Lá a iniciativa particular fez vir gado da Índia, principalmente o Guzeroti, o Nellore e o esquisito espécimen da floresta do Gir. E pela seleção e cruzamento chegou-se à perfeição de um tipo lindo e de grande peso que é o Indubrasil ou, melhor, Induberaba [...].<sup>54</sup>

<sup>51</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. Op. cit., p. 123.

<sup>52</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

<sup>53</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. Op. cit., p. 127.

<sup>54</sup> Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Ano IV. Número 37-37, 1935, s/p..

Um navio, em 1868, com destino a Inglaterra, ancorou em Salvador com um casal de bovinos Nelore, sendo seus descendentes comercializados na região e permaneceram no Brasil marcando a primeira aparição da raça Nelore.<sup>55</sup>

E. M. Metello descreve que Leonardo Corrêa da Silva e Osvaldo Arantes foram os principais responsáveis pela introdução e maciça repercussão da raça nelore em nosso Estado, narrando o fato de que “[...] Osvaldo Arantes chegou a trazer de avião várias matrizes e reprodutores puros, adquiridos de Otávio Machado da Bahia [...] episódio inusitado que causou sensação na época”.<sup>56</sup>

Os produtores residentes no sul de Mato Grosso fundaram em 15 de janeiro de 1931 a associação denominada “Centro dos Criadores do Sul de Mato Grosso”, que reivindicava melhorias da pecuária no Estado, envolvendo “[...] melhores condições para o transporte do gado em pé [...] nas gaiolas para escoamento dos produtos bovinos que se acumulavam à beira da Estrada da Ferrovia”. A falta de transporte alternativo, juntamente com problemas de manutenção e mau aparelhamento na única via férrea, gerava enormes prejuízos aos pecuaristas.<sup>57</sup>

Moreli Arantes relata que através do Decreto Nº 19.770 de 19 de março de 1931, do Ministério do Trabalho, o centro acima referido foi em 1934 transformado em “Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso”. Mas os fazendeiros, com intuito de manter independência em relação ao governo federal (Ditadura do Estado Novo), em 1944, mudaram o status de sindicato para “Associação dos Criadores do Sul de Mato Grosso”. Na assembleia geral de 1970, gestão de Eduardo Machado Metello, foi criada a sigla ACRISUL. Com a divisão do Estado, em 1979, a Associação passou a se chamar “Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul”.<sup>58</sup>

#### 4 Matadouro municipal e o Código de Postura

Localizado entre a confluência do Prosa e o Segredo, no período de 1870 a 1880, o Matadouro Municipal segundo Rosário Congro foi regido pelo Decreto da Câmara Municipal titulado “1º Código de Postura da Villa de Campo Grande no ano de 1905”,

<sup>55</sup> SILVA, Marcelo Corrêa; BOAVENTURA, Vanda Maria; FIORAVANTI, Maria Clorinda Soares. História do povoamento bovino no Brasil central. *Revista UFG. Dossiê Pecuária*, Ano XIII, nº 13, Dezembro 2012.

<sup>56</sup> METELLO, E. M. A cidade e o boi. Op. cit., p. 86.

<sup>57</sup> ANDRADE, Dolor Ferreira; ALMEIDA, Faustino Pinto. Op. cit.

<sup>58</sup> ARANTES, Moreli Teixeira. *Acrissul - 70 anos de Exposições*. Campo Grande: Ed FDT, 2009.



em que são destacados, no 1º capítulo, “[...] economia e aceios dos açogues”, cujos procedimentos de conduta e regras sanitárias a serem cumpridos pelo estabelecimento são estabelecidos nos artigos 1º ao 3º.<sup>59</sup>

Neste código são determinados os primeiros deveres referentes a local específico para realização do abate, condutas de higiene exigidas aos proprietários e administradores e punição com multa ao não cumprimento dos mesmos.<sup>60</sup>

Vestígios do surgimento da Inspeção Sanitária são encontrados no “Código de Postura”, sendo destaque o artigo 2º com a afirmação que “[...] é expressamente proibido: [...] matar-se gado que apresente *symptom*as de moléstia, ou que esteja cançado ou muito magro, bem como vender-se para o consumo carne de rez que foi encontrada morta”. Esse artigo embasa o importante e contemporâneo “Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal – RIISPOA”, criado pelo Decreto nº 30.691, em 1952, do Ministério da Agricultura, referente ao procedimento de inspeção “*ante – mortem*” realizado pelo Médico Veterinário em frigoríficos.<sup>61</sup>

O Matadouro Municipal solicitou intervenção ao serviço público, pois, com o desenvolvimento da produção animal, o edifício tornou-se pequeno fisicamente, sem espaço necessário para a movimentação dos funcionários durante o fluxo de abate, que se tornava cada vez mais crescente, impedindo-o de produzir nas condições higiênicas exigidas pelo Código de Postura e com técnica de processamento custosa e primitiva.<sup>62</sup>

Rosário Congro, como Intendente do Município de Campo Grande, convocou a concorrência pública pelo edital de 27 de novembro de 1918, com intuito de possíveis interessados apresentarem propostas de reforma e adequação do estabelecimento. A essa concorrência, seis proponentes apresentaram-se dispostos à disputa, que foi realizada a portas abertas ao público, por ser ato administrativo de interesse geral. Para esse ato foi nomeada uma comissão composta por seis membros, dentre eles: engenheiro municipal, delegado de higiene e um negociante influente. Os interesses particulares dos

<sup>59</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

<sup>60</sup> CAMPO GRANDE (Município). 1º Código de Posturas da Villa de Campo Grande (30.01.1905). Campo Grande: Paço da Câmara Municipal da Villa de Campo Grande, 1905. In: ARCA: *Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)*. Campo Grande: ARCA, n. 5, s/p., out. 1995.

<sup>61</sup> BRASIL. *Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal - RIISPOA*. Decreto nº 30.691 em 1952 do Ministério da Agricultura. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/animal/mercado-interno/requisitos-sanitarios>. Acesso em: 15 abr.2014.

<sup>62</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

proponentes prejudicaram a exposição das clarezas das propostas e retardaram o andamento do projeto de melhorias do matadouro.<sup>63</sup>

Numa segunda tentativa, o novo intendente Arlindo de Andrade Gomes autorizado, pela Resolução nº 27 de 14 de dezembro de 1920, reconvocou a concorrência, sendo que a única pretendente foi a Firma Vasquez & Cia, que teve a proposta aceita e aprovada através da Resolução nº 46 de 11 de maio de 1921. Foram incorporados ao novo Matadouro Municipal o depósito de couro e o serviço de charqueada.<sup>64</sup>

No ano de 1928, em pleno funcionamento do Matadouro Firma Vasquez & Cia, foram abatidos 425 bois, 10 touros, 5108 vacas, 15 vitelos, 681 porcos, 443 porcas, 14 carneiros e 16 ovelhas e 5802 reses para charques, fiscalizado pela guarda sanitária.<sup>65</sup>

## Considerações finais

A pesquisa demonstrou, por meio de fontes históricas, como a criação de bovinos impulsionou o desenvolvimento da região de Campo Grande. Inicialmente, a área consistia em mera passagem de boiadeiros que se deslocavam para os Campos de Vacaria, Pantanal, norte de Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais.

Antes da fundação do Arraial de Santo Antônio, a região era pouco povoada por pessoas brancas, havendo parca agricultura de subsistência para alguns moradores e para ser utilizada como moeda de troca com as comitivas de gado. Beleza dos campos, hidrografia e clima atraíram imigrantes de outros estados brasileiros, que buscavam posses e riqueza. Esse também foi o principal motivo que atraiu Antônio Pereira e familiares para Mato Grosso.

As primeiras criações de bovinos na região eram providas de poucas cabeças de gado em grandes extensões de terras, sendo o manejo rudimentar e primitivo o controle de registros, restrito a marcações por incisões incandescentes nas orelhas ou em outras partes do couro.

---

<sup>63</sup> CONGRO, Rosário. Op. cit..

<sup>64</sup> GOMES, Arlindo de Andrade. **O Município de Campo Grande em 1921**. 2 ed., Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2013.

<sup>65</sup> MORAES, Manuel Joaquim de. **O Município de Campo Grande em 1928**. 2 ed., Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2013, p. 199.



Os animais eram de origem europeia (raça Alentejana), introduzidos pelos portugueses durante o processo de colonização do Mato Grosso, mas foram se dispersando pelo território, diante dos maciços conflitos ocorrentes entre bandeirantes, jesuítas, portugueses, espanhóis e indígenas.

Da adaptação dos bovinos ao meio ambiente e da seleção genética natural originou a raça crioula, com aptidão à produção de leite e favorável ao acabamento de carcaça. O declínio da raça ocorreu por falta de introdução de novos reprodutores, que enfraqueceu a linhagem genética de seus descendentes.

Outro marco importante para o histórico da pecuária em Campo Grande foi a introdução da raça zebuína, porque os grandes investimentos, a exemplo do realizado pela Brazil Land, possibilitaram a formação de animais com excelência na conformação de carcaça, sendo comparada aos rebanhos de Minas Gerais e São Paulo pela sua rusticidade, beleza e rendimento de carne.

Ademais, a produção de charque, carne verde e couro representavam parte considerável do orçamento e arrecadação de Campo Grande, conforme relatórios da década de 20, quando o município tinha como principais atividades a concessão do Matadouro Municipal, tributação sobre as reses e incidentes nas propriedades (foro, laudêmio, décima predial, etc.).

Ressalta-se, por fim, que a contemporânea cidade de Campo Grande ostenta parte de sua história através dos monumentos erguidos em homenagem aos fundadores e membros da sociedade que influenciaram no ágil desenvolvimento socioeconômico. Dentre tais monumentos, destacam-se o Obelisco, Monumento dos Pioneiros, Cabeça de Boi, Museu José Antônio Pereira e Relógio da Rua 14 de Julho.